

LITERATURA INFANTIL NEGRA: A RESPOSTA DOS GRADUANDOS DE PEDAGOGIA POR MEIO DO PORTFÓLIO

Ariana Targino do Nascimento ¹

Coorientadora: Manoilly Dantas de Oliveira ²

Orientadora: Marly Amarilha ³

RESUMO

Este artigo vincula-se ao projeto Literatura Infantil Negra: debatendo a cor do silêncio na sala de aula (Amarilha, [CNPq, 2018-2022]). Tem por objetivo estudar os comentários registrados no portfólio eletrônico, de graduandos matriculados no componente curricular optativo Teoria e Prática de Literatura II, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil), que desenvolveu o estudo da Literatura Infantil Negra (LIN), com carga horária de 60 horas, online, durante o semestre de 2021.1 (efetivamente ocorrido de junho a setembro de 2021), no período da pandemia da Covid 19. Foram sujeitos do estudo 50 estudantes. O portfólio é um instrumento de registro escrito do estudante sobre o estudo de algum componente curricular e, neste caso, compôs o processo de avaliação do componente curricular Teoria e Prática de Literatura II.

Palavras-chave: Formação docente, Literatura Infantil Negra, Educação antirracista.

INTRODUÇÃO

Este estudo, denominado “Literatura Infantil Negra: a resposta dos graduandos de Pedagogia por meio do portfólio”, vincula-se ao projeto Literatura Infantil Negra: debatendo a cor do silêncio na sala de aula (Amarilha, [CNPq, 2018-2022]). Tem por objetivo analisar os comentários dos graduandos de Pedagogia, por meio do portfólio, ao componente curricular optativo Teoria e Prática de Literatura II, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Pretende-se, portanto, investigar as possibilidades formativas da oferta de componente curricular monográfico, como é o caso da Literatura Infantil Negra (como conteúdo de Teoria e Prática de Literatura II), no processo formativo de pedagogos por meio do registro em portfólio eletrônico referente ao repertório de literatura utilizado.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ariana.targino.701@ufrn.edu.br;

² Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, manoillydantas@gmail.com;

³ Professora Titular colaboradora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRN, marlyamarilha@yahoo.com.br.

A expressão Literatura Negra é associada por autores da coletânea Cadernos Negros, publicada a partir de 1978, ao histórico de lutas e movimentos negros brasileiros. Pretende-se, ao utilizar-se essa expressão, ressignificar os sentidos atribuídos a palavra "negra" ou "negro", assumindo uma atitude positiva e de reconhecimento dessas lutas e da história desse povo. Dessa maneira, compreende-se neste estudo a literatura infantil negra como o "conjunto de obras literárias produzidas para a infância que representa como tema central aspectos das histórias e das culturas dos povos negros, seja na diáspora ou no continente africano" (AMARILHA; CAMPOS, 2015, p. 143).

Evidencia-se a relevância da pesquisa pela necessidade de se fazer cumprir o que está legalmente estabelecido, no que se refere ao ensino sobre História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas instituições de ensino fundamental e médio, pela Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, além das obrigações postas pela Lei 11.645 de março 10 de 2008, que acresce à lei tratada anteriormente o ensino da História e Cultura Indígena. Ambas alteram a Lei nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB).

Assim, este estudo justifica-se pela pouca adesão das escolas ao que as leis exigem, o que implica na manutenção de estereótipos e discriminações direcionadas às pessoas negras. Justifica-se também pela necessidade de contribuir para a construção de uma educação dentro da perspectiva antirracista, compreendendo que a literatura pode ser e é um dos meios para atingi-la.

Desta maneira, este artigo está estruturado com as seguintes seções: introdução; metodologia; resultados e discussões; e considerações finais.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, compreendendo as etapas de estudos bibliográficos - que incluiu tanto a leitura dos referenciais teóricos, quanto a leitura das obras de LIN selecionadas -, a análise dos portfólios sobre o componente curricular optativo Teoria e Prática de Literatura II, que estudou a Literatura Infantil Negra e, por fim, a construção deste artigo. Na análise dos portfólios foram feitos levantamentos das respostas desenvolvidas por 10 sujeitos sobre 3 das 10 obras do repertório de LIN que foram estudadas no componente curricular; após isso, foram selecionados os recortes destas respostas que compõem o presente estudo.

O componente optativo foi ofertado no curso de Pedagogia, com carga horária de 60 horas, durante o semestre de 2021.1 (efetivamente ocorrido de junho a setembro de 2021), no período da pandemia da Covid 19. Foram sujeitos da pesquisa matriz, a qual este estudo está vinculado, 50 estudantes. As aulas, organizadas em 10 sessões de leitura de LIN, aconteceram no formato remoto (através do Google Meet), tendo como professora mediadora uma pesquisadora associada ao Grupo de Pesquisa "Ensino e Linguagem", do Centro de Educação/UFRN.

Os estudantes e sujeitos da pesquisa colocaram suas impressões e reflexões sobre o componente tanto através da participação oral e/ou chat nos momentos síncronos, quanto por meio da escrita dos portfólios. O portfólio é um instrumento de registro e acompanhamento do estudante sobre o estudo de algum componente curricular. Nele devem constar os tópicos estudados e desenvolvidos, atividades realizadas e comentários, que podem ser de caráter subjetivo.

A elaboração do portfólio visa ao engajamento do graduando no processo de aprendizagem como leitor e protagonista de sua própria formação. Acrescenta-se que o uso do portfólio como instrumento de registro de formação de professores ganha especial relevância porque exige de quem o elabora contínuo exercício de reflexão sobre o processo em que está envolvido. Esse aspecto favorece ao desenvolvimento de pensamento crítico e à autonomia de ação na atividade pedagógica, já que "o aluno deixa de ser dependente do que o professor diz, para dizer e selecionar o que interessa e pensa sobre o que estuda, portanto, narra o aprendizado de sua perspectiva" (AMARILHA, 2003, p. 152).

A professora mediadora desenvolveu as mediações de leitura das 10 obras trabalhadas no componente ancorada na estratégia de mediação da experiência de leitura por andaimes (GRAVES; GRAVES, 1995). Segundo Graves e Graves (1995) a andaimagem compreende as etapas de planejamento e implementação. Esta última divide-se nos momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

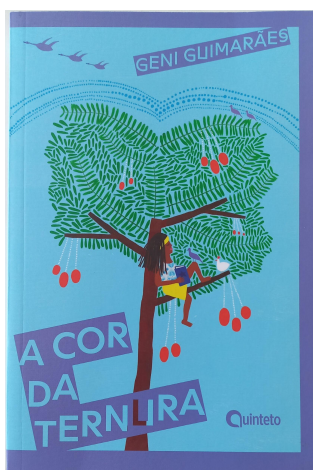
Para este estudo foram selecionadas 3 obras, a saber: *A cor da ternura* (Guimarães, 2018); a crônica *Terra de Ninguém VII*, da obra *Olhando para o outro lado* (Braz, 2007); e *O pátio das sombras* (Couto, 2018).

A primeira obra selecionada foi *A cor da ternura*, de autoria de Geni Guimarães (2018). Geni nasceu em uma fazenda no interior de São Paulo. Depois, mudou-se para outra fazenda, formou-se professora; escreveu os livros *Terceiro filho*, *Leite do peito*, entre outros.

A cor da ternura, obra que recebeu o Prêmio Jabuti de autor revelação em 1990, é composta Trabalho resultado do projeto de pesquisa da Bolsa de Iniciação Científica, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, submetido e publicado nos anais XXXIII Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica - eCICT, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

por 93 páginas, dividida em 10 capítulos e foi ilustrada por Vanina Starkoff. A narrativa é contada pela personagem principal em primeira pessoa e trata das vivências dessa mesma personagem enquanto criança, adolescente e mulher negra, pobre, que vive no contexto rural. A história aborda questões como racismo, desigualdade social, afetividade e ancestralidade.

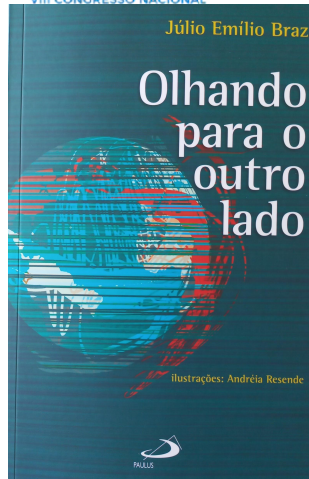
Imagem 1 - Capa da obra *A cor da ternura*



Fonte: Guimarães, 2018.

A segunda obra que faz parte desse estudo é intitulada *Olhando para o outro lado*, do autor Júlio Emílio Braz (2007) e ilustração de Andréia Resende. Júlio é mineiro, mas mora no Rio de Janeiro. Já publicou mais de 100 livros. *Olhando para o outro lado* reúne crônicas que abordam temas completamente atuais, como: fome, violência, preconceito, entre outros. A crônica selecionada e trabalhada no componente curricular Teoria e Prática da Literatura II é a intitulada *Terra de Ninguém VII*. A narração apresenta uma história em que personagens anônimos protagonizam um episódio de preconceito racial, em que uma mulher levanta suspeitas de que um homem negro, que caminha pela mesma rua que ela, a persegue com o intuito de lhe roubar.

Imagem 2 - Capa da obra *Olhando para o outro lado*



Fonte: Braz, 2007.

A terceira obra que compõe este trabalho é *O pátio das sombras*, do autor moçambicano Mia Couto (2018). Esse livro é o décimo volume da edição brasileira "Contos de Moçambique". As ilustrações da obra são de autoria de Malangatana, um dos mais importantes artistas de Moçambique. Mia nasceu em 1955, na cidade da Beira, em Moçambique. Formou-se em biologia, tornou-se escritor e está traduzido em mais de 30 idiomas. O pátio das sombras aborda a relação entre vida e morte, através de dois personagens principais: um menino e sua avó. O enredo se desenvolve em uma aldeia onde vivem os personagens. Da curiosidade do menino, que escuta barulhos vindos da aldeia e que depois descobre que sua avó guarda em sua cabeça espíritos de pessoas falecidas, desenvolve-se uma história carregada de elementos culturais e religiosos das culturas africanas.

Imagem 3 - Capa da obra *O pátio das sombras*



Fonte: Couto, 2018.

A partir das três obras, os dados foram sistematizados e categorizados a partir do referencial teórico sobre formação do professor, literatura infantil negra e educação antirracista. As respostas dos sujeitos foram organizadas nas seguintes categorias: formação do professor; Literatura Infantil Negra e Educação antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados referentes às respostas foram organizados a partir das três categorias já referidas neste trabalho. Sobre a formação do professor, vê-se, no recorte abaixo, a preocupação da graduanda com a recepção da leitura da crônica Terra de Ninguém VII e a relaciona com a importância da mediação.

Por se tratar de uma crônica, talvez crianças muito pequenas sintam um pouco de dificuldade de captar e absorver a mensagem que ela busca transmitir. No entanto, com a mediação adequada por parte da professora em sala de aula, essa história tem sim um potencial riquíssimo de chamar as crianças para reflexão e desconstrução de conceitos que estão muitas vezes bem estabelecidos em nós.

(Argel, sobre Terra de ninguém VII)

A partir disso, corrobora-se com o que defende Amarilha e Campos (2015), ao afirmar que

a escola tem a obrigação de promover o contato sistemático dos aprendizes com os textos literários. No caso particular de leitores principiantes, por vezes, esse contato só se dá de forma adequada pelo trabalho de um mediador de leitura, que possa apoiar o aprendiz em sua exploração de objetos culturais de complexidade mais elevada que sua maturidade permite desvendar (CAMPOS; AMARILHA, 2015, p. 147).

Entende-se, portanto, que a professora ou professor deve estar adequadamente preparada/o para a realização da mediação de leitura. Isto implica diretamente na necessidade refletir-se sobre como ocorreu o percurso formativo dessa/e docente, que deve - espera-se - fornecer-lhe as condições teóricas e metodológicas necessárias para realização de suas práticas enquanto mediadora.

A atuação docente em sua complexidade compreende, dentre outros aspectos, o "como fazer". No recorte a seguir é perceptível a importância de pensar sobre a própria prática pedagógica, neste caso, de docentes ainda em formação, o que é muito significativo:

[...]refleti em como eu poderia trazer essa história para a sala de aula, e percebi que ela trabalha um dos maiores medos dos seres humanos e em especial das crianças, a



morte. Podendo trazer para a discussão como outras culturas lidam e acreditam que ocorre [...].

(Caatiba, sobre O pátio das sombras)

A redatora está tratando de um conto da tradição oral moçambicana que, além de lhe permitir pensar no seu fazer enquanto possível mediadora, também a faz refletir sobre a relevância de um tema não tão comumente discutido e explorado com crianças, como é o caso da morte. Reforça-se, assim, a relevância de uma formação que permita não somente o conhecimento de teorias e métodos para a mediação, mas, também, que oportunize ao docente em formação o acesso a um repertório literário diversificado. Sobre esse aspecto, concorda-se com Amarilha e Saldanha (2016), quando destacam:

É por essa rede de temáticas presente nos textos literários à disposição do jovem leitor que a inserção da literatura nos currículos escolares dos sistemas educacionais apresentada por um leitor mais experiente e qualificado se torna necessária. Para que isso ocorra é preciso discutir a abordagem atual da formação docente. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (2006), constatamos que o perfil do graduado em Pedagogia deverá contemplar consistente formação teórica, diversidade de conhecimento e de práticas que se articulem ao longo do curso (AMARILHA; SALDANHA, 2016, p. 1164).

Quanto à Literatura Infantil Negra, sabe-se que esta aborda tema pouco explorado na sala de aula, como aqueles relacionado às questões étnico-raciais, como evidencia Marfim:

É necessário inserir a literatura infantil negra nas salas de aula de maneira urgente, com o intuito de ressignificar o lugar do negro na sociedade, que é o mesmo lugar [...] que o branco, o pardo, o amarelo pode ocupar. De maneira igualitária, sem exclusão. Para além disso, fomentar diálogos que possibilitem a compreensão das crianças acerca dessas questões e quebrando cada dia mais as barreiras do racismo e preconceito dentro e fora das salas de aulas.

(Marfim, sobre Terra de ninguém VII).

Diante da reflexão do sujeito nesse recorte, percebe-se que há em nossa sociedade a valorização de uma única identidade, pautada em ideais eurocêntricos, que coloca a pessoa negra à margem.

Exatamente por evidenciar o silêncio ante essas questões ou o reforço dos estereótipos do negro enquanto sujeito inferiorizado frente ao não negro é que surge essa necessidade da busca de um referencial que viabilizasse a quebra de paradigmas que incutem nas crianças a tendência de se apagar suas origens e características afrodescendentes (SOUSA, 2016, p. 77).

A literatura infantil negra possibilita justamente o não apagamento e, sim, o reconhecimento das culturas africanas e afro-brasileiras, o que configura na ressignificação de conceitos amplamente disseminados, como registra Japi:

Não conseguia ver sentido do porquê ler essa história. somente quando chegou a parte da escola onde a professora falou sobre os escravos, foi que a história ficou interessante para mim. Não tive como não me comparar a ela. Foi assim comigo também! Na minha infância, quando se falava de negros, era só sobre escravidão e fome na África.

(Japi, sobre A cor da ternura).

A experiência com a leitura literária pode despertar diferentes emoções, além de possibilitar ao leitor a construção de diferentes sentidos e significados a respeito do que foi lido. Tratando especificamente da literatura infantil negra, percebe-se que o contato do leitor com elementos culturais possivelmente diferentes dos quais este está familiarizado pode potencializar alguns dos aspectos dessa experiência leitora, como observa-se no recorte a seguir:

A história de Mia Couto para mim pode ser resumida em uma palavra: Emocionante! Por tratar-se da adaptação de um conto ancestral é engraçado a estranheza que nos causa no início, porém no desenrolar da história podemos ver o quanto [são profundas] as mensagens contidas dentro da história, que tudo que podemos fazer é ficar imerso dentro do livro até que ele termine.

(Yaoundé, sobre O pátio das sombras)

Sobre alguns desses sentimentos, inclusive o da "estranheza", é interessante o que os estudos da Estética da Recepção discutem, ao apresentar que

[...] Iser enfatiza a necessidade de o texto ficcional conter "complexos de controle" que oriente o processo da comunicação. O próprio destes complexos é tanto orientar a leitura, quanto exigir do leitor sair de sua "casa" e se prestar a uma vivência no "estrangeiro"; testar seu horizonte de expectativas; por a prova a sua capacidade de preencher o indeterminado com um determinável [...] não idêntico ao que seria determinado, de acordo com seus prévios esquemas de ação, (LIMA, 1979, p. 24)

Observa-se, então, que a experiência com a literatura possibilita o movimento e o desequilíbrio saudável de pensamento do leitor e da própria condição humana, o que contribui, principalmente por tratar-se de obras de LIN, para a construção de novos horizontes de compreensão de mundo e comportamento diante deste próprio mundo.



Ao refletir sobre a educação antirracista, entende-se que as práticas adotadas nessa perspectiva devem ser tanto de enfrentando ao racismo, quanto de promoção e valorização das culturas de matrizes africanas. Na resposta abaixo, compreende-se que o sujeito estabelece uma relação direta entre o enfrentamento ao racismo na escola e o trabalho com a LIN.

Paulo Freire diz que a educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo. Neste sentido, posso dizer que uma educação antirracista indiscutivelmente ancorada da literatura infantil negra tem um potencial ainda mais transformador.

(Argel, sobre Terra de ninguém VII).

Nessa lógica, podemos acrescentar:

A inexistência de uma educação que viabilize a ressignificação da diversidade étnico-racial no espaço escolar é um problema que vem se perpetuando ao longo da História da humanidade e, em especial, no Brasil, onde a escravidão do negro se deu de modo sistemático e legalizado, atrelada aos interesses de nossas elites, perdurando por quase quatrocentos anos. Entretanto, é no instante que a criança negra chega à escola, que percebemos que ela traz consigo uma série de questões em relação ao seu pertencimento racial. Nesse momento, a escola irá responder de forma favorável, ou não, por meio da escolha da metodologia a ser adotada, atitudes, posicionamento ou até mesmo de seus silêncios. (SOUSA, 2016, p. 73)

É esse raciocínio que Irecê, desenvolve:

A escola é extensão da sociedade e, por isso, é nesse ambiente que mais evidenciam-se situações de racismo, através de brincadeiras, piadas, expressões... Até chegar a morte de alguma vida negra. Não ser racista não é o suficiente. Precisamos, e eu me incluo, ser antirracista.

(Irecê, sobre terra de ninguém VII).

A inclusão da Literatura Infantil Negra, como componente curricular, converge para o que já alertava Gomes:

A revisão dos currículos, a construção de uma relação ética e respeitosa entre professores/as e aluno/as, o entendimento do/a aluno/a como sujeito sociocultural e não somente como sujeito cognitivo, a compreensão de que os sujeitos presentes na escola vêm de diferentes contextos socioculturais e possuem distintas visões de mundo são princípios de uma educação cidadã. O reconhecimento de que esses cidadãos são homens e mulheres que pertencem a uma nação cuja composição é diversa e a consideração de que tal pertinência imprime marcas na construção da sua identidade racial são princípios de uma educação cidadã que considera e inclui a questão racial (GOMES, 2001, p. 90).



Em seu portfólio, Jundiá registrou reflexão que ao mesmo tempo é crítica, valoriza a importância das políticas públicas para a mudança social:

Políticas educacionais que conscientizem os estudantes devem estar presentes cotidianamente, e não só no dia da consciência negra, por exemplo. Precisamos de políticas consistentes e efetivas, pois é por meio delas e da educação que poderemos alcançar uma sociedade mais humanizada e conseqüentemente mais igualitária.

(Jundiá, Sobre terra de ninguém VII).

Avançando para um paradigma multicultural, entendemos a participação da educação e da literatura para essa mudança social:

Daí a importância e a urgência em todos os países do mundo implementar políticas que visem ao respeito e ao reconhecimento da diferença, centradas na formação de uma nova cidadania por meio de uma pedagogia multicultural. Acredita-se que essa nova pedagogia possa contribuir na construção de uma cultura de paz e no fim das guerras entre deuses, religiões e culturas (MUNANGA, 2015, p. 21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi abordado neste artigo, compreende-se a relevância do componente curricular Teoria e Prática da Literatura II, especialmente pelo conteúdo trabalhado, qual seja, o da Literatura Infantil Negra.

Nas observações dos graduandos sujeitos da pesquisa, no que diz respeito à formação do professor, evidenciou-se a necessidade de formação adequada para desenvolver práticas de mediação de leitura literária no contexto educacional. Observa-se, entretanto, que seria interessante aprofundar as investigações sobre esse aspecto, visto que as respostas não foram tão robustas, o que é possível que se explique pelo fato de que o tempo para amadurecer as leituras foi insuficiente.

Além dos suportes teóricos e metodológicos necessários à construção de um docente mediador de leitura de literatura, percebe-se a relevância de ampliação do repertório literário ao qual este mesmo docente deve ter acesso ainda no processo de formação. A literatura infantil negra é, portanto, um caminho para essa ampliação. Isto implica não somente a ampliação pela ampliação, mas a diversificação do olhar e da compreensão de mundo, das culturas e do humano enquanto sujeito plural.

Os comentários e reflexões dos sujeitos também apontam para a necessidade de uma postura educacional antirracista, que de fato se efetive em práticas decoloniais, que



reconheçam as diferenças, que promovam a valorização das identidades africanas e afro-brasileiras e combatam o racismo estruturado em nossa sociedade.

Dessa forma, entende-se que a realização e/ou aprofundamento de estudos a respeito da literatura infantil negra, do racismo, bem como da formação docente para uma educação antirracista são de indiscutível importância para a construção de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly; SALDANHA, D. L. . **Educação e literatura: a formação do pedagogo.** Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil), v. 30, p. 1163-1166, 2016a.

AMARILHA, Marly; CAMPOS, Wagner R.. A formação em literatura e a construção das identidades negras no ensino fundamental I. Nuances, v. 26, p. 141-160, 2015.

AMARILHA, Marly. Portfólio: avaliando o ensino/aprendizagem de literatura. In: AMARILHA, Marly. (Org.). **Educação e leitura: trajetórias de sentidos.** João Pessoa: EDUEPB, 2003, v. 02, p. 149-161.

BRASIL. Ministério da Educação. Práticas pedagógicas de trabalho com as relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03. Brasília: SECADI/UNESCO, 2012.

_____. Ministério da Educação. Proposta de plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais da educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: Lei 10.639/2003. Brasília: Grupo de trabalho interministerial instituído por meio da portaria interministerial MEC; MJ; SEPPIR n. 605, 20 de maio de 2008.

_____. Lei n.º10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394/96, de 20 de novembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências.

Cadernos

Negros

<http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>) Acesso em 06 de abril de 2022.

COUTO, Mia. **O pátio das sombras.** Ilustrações de. Malangatana, vol. 10. In: Contos de Moçambique, São Paulo: Kapulana, 2018.



GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura.** [ilustrações Vanina Starkoff]. São Paulo, Editora Quinteto Publicações, 2018.

GRAVES, M. F.; GRAVES, B. B. The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text. Reading, Apr. 1995.

LIMA, Luiz Costa (Coord e Trad.). **A literatura e o leitor:** textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Munanga, K. (2015). **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, (62), 20-31. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p20-31>

SOUSA, André Luiz Amancio de. **Literatura Afro-Brasileira:** Práticas Antirracistas no Ensino Fundamental. André Luiz Amancio de Sousa. Belo Horizonte - 2016. 194 páginas. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais - Programa de Mestrado Profissional em Letras – UFMG FALE - PROFLETRAS – 2º Semestre de 2016.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989.